

O lugar da crise do desenvolvimento capitalista na crise de civilização¹

Jean Pierre Leroy²

A crise do desenvolvimento capitalista

Este desenvolvimento, acrescido ou não dos adjetivos de “sustentável” ou “humano”, é inviável e insustentável e é uma das mais fortes demonstrações de que vivemos uma crise de civilização.

Gostaria de sublinhar algumas das suas características que explicam em parte porque ele leva o planeta e a humanidade a sua perdição:

- Ele aprisiona a maioria da humanidade aos desejos de consumo e às necessidades que ele cria. Lembro de uma liderança indígena se queixando que o seu Território acabava de ser reconhecido, mas que os jovens do seu povo não queriam ficar na TI. O apelo da cidade era mais forte. Sonha-se com carro, e, nas estradas de chão, com tração quatro rodas; com a lancha rápida (a “voadeira”); com o celular...

O capital³ vai além, transformando nossos desejos em necessidades. Ele nos faz acreditar que o que desejamos é necessário. Ele cria situações em que, por exemplo, eliminando a possibilidade de acesso ao telefone fixo, torna o celular indispensável; construindo casas e prédios com materiais que chamam de modernos, mas que concentram o calor, obriga a ter ar condicionado; estendendo seu modelo de consumo ao mundo inteiro, faz acreditar aos chineses que ser desenvolvido é consumir carne de boi; mostrando um único modelo de juventude, exclui os jovens que não usam roupa de grife. O capital nos aprisionou neste desenvolvimento, nos tornou refém e cúmplice dele, mesmo que tenhamos consciência que nos leva ao abismo.

- Ele é devorador de recursos naturais. O motor do desenvolvimento é vender sempre mais. Assim, as empresas e seus donos, acionistas e executivos podem manter e aumentar seus lucros e ganhos. Para vender sempre mais, tem que ter sempre produtos novos, que atraem o consumidor, e fazer com que os produtos antigos deixem de ser atraentes. Os produtos não são feitos para durar. E, se durar, somos induzidos a querer os mais modernos, mais bonitos, mais “práticos” - sempre haverá uma razão para descartar um produto em proveito de um outro. Chama-se a esse processo de envelhecimento e substituição dos produtos de obsolescência, da qual o desenvolvimento se alimenta.

Henry Ford, dono de uma das primeiras fábricas de carros, dizia que queria pagar seus operários para que fossem os primeiros compradores. Hoje, a preocupação não é essa porque o desejo de possuir um carro está disseminado. O que se procura é estimular cada vez mais este desejo e a compra do carro do ano. Não basta tornar o celular

¹ Ideias que orientaram a fala de Jean Pierre Leroy no Seminário “Crisis de Civilización, Estado y Desarrollo” y alternativas desde los Derechos Colectivos de los Pueblos y Comunidades, organizado pela Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – Caoi; realizado durante o FSM 2009, em Belém do Pará, Brasil.

² Assessor da Fase – Solidariedade e Educação.

³ Falo do desenvolvimento *capitalista* porque desapareceu o socialismo tal qual encarnado pela União Soviética em particular. Mas, se este ainda existisse, a crítica seria em boa parte a mesma, pois o seu desenvolvimento foi fundado sobre o mesmo modelo produtivista.

popular, tem que tornar popular a última geração de celular, mesmo que seja por seis meses somente.

O milagre da invenção permanente e inesgotável de novos produtos (e de velhos revestidos de roupagem nova) é devido à aliança entre mercado, ciência e tecnologia. As empresas, em particular as grandes multinacionais, empregam ou subvencionam batalhões de técnicos e de cientistas encarregados de descobrir novos processos de produção e novos produtos a serem colocados no mercado no mais curto espaço de tempo possível. Na agricultura, por milhares de anos, povos indígenas e camponeses produziram e melhoraram centenas de variedades de milho, de arroz e de batatas. Agora, muda-se de velocidade: data de 1953 a principal descoberta científica⁴ que levou, ainda nos anos 1980, à criação de plantas transgênicas. Menos de trinta anos depois, as multinacionais sementeiras disputam com o campesinato o monopólio sobre as sementes das principais produções agrícolas.

Muito pouco dos objetos da civilização ocidental chega às aldeias e às comunidades, embora, para a sua produção, eles necessitem de matéria prima, energia, terra e água. Assim, sem usufruir do produto final, essas aldeias e comunidades sofrem os efeitos da sua produção que chegam aos rincões mais afastados e às comunidades mais isoladas. Chegam através da prospecção e da exploração mineira e de hidrocarbonetos, de usinas de alumínio, de ferro gusa e de ferro e aço, de barragens hidroelétricas, de estradas. Chegam pelos rios contaminados, pelo ar envenenado, pelo clima alterado, pelas florestas e os outros ecossistemas destruídos.

- Com os avanços proporcionados pelas ciências biológicas, o desenvolvimento estende os domínios do mercado sobre a vida. Privatiza-se a vida humana, através do mercado da saúde e da reprodução humana, e a vida animal e vegetal, através principalmente da manipulação genética. Frente às empresas produtoras de sementes transgênicas, vemos camponeses proibidos de usar ou vender suas sementes tradicionais. Os povos indígenas amazônicos, por sua vez, sabem quanto o seu patrimônio biológico e genético está sendo cobiçado. Os laboratórios e as indústrias têm interesse não somente em se apropriar das plantas (e genes), mas também dos conhecimentos tradicionais sobre essas plantas. Graças às biotecnologias, podem surgir novos produtos farmacêuticos, cosméticos e alimentares e a propriedade sobre estes produtos é então atribuída a laboratórios e empresas que os “descobrem”.

- O desenvolvimento capitalista se apropria do território. Não é de hoje, mas o que muda é que não há lugar que escape à sua cobiça. O que muda, é que ele se tornou totalitário. Não tolera que outras forças sociais produzam e vivam de outra maneira. Na Amazônia, por exemplo, a exploração madeireira, a pecuária e a cultura de grãos varrem do seu caminho campesinato, populações tradicionais e povos indígenas. Barragens expulsam ribeirinhos e atingem terras indígenas e a exploração do petróleo contamina rios e territórios à revelia dos povos. Não são os grandes empreendimentos que ficam cercados, delimitados, são os povos e as populações locais que ficam imprensados, encurralados. Quando se tolera a sua sobrevivência, aparece que é tão somente para valorizar a imagem verde das empresas. Progressivamente, vai destruindo ecossistemas e acabando com a biodiversidade. Acabando com ela, acaba também com povos que vivem nela e dela. Junto com espécies vegetais e animais, desaparecem povos e culturas.

⁴ James Dewey Watson e Francis Harry Compton Crick descrevem nesse ano a estrutura em dupla hélice do ADA num artigo publicado por *Nature*.

Se o capital se apropria do território, não é para mantê-lo, geri-lo, como parte de um patrimônio que não lhe pertence, e sim às gerações futuras e à humanidade. Território para ele é tão somente a terra como mero suporte para a agricultura industrial, recursos minerais e outros. Está lá enquanto pode se aproveitar, amanhã estará em outro lugar. Ele defende este território como sua propriedade enquanto usa e abusa dele, mas não tem compromisso com o seu futuro. As noções de ecossistema, de biodiversidade e de diversidade social e étnica lhes são estranhas. Pelo contrário, homogeneiza os territórios, a produção agrícola e a população.

- A aceleração e a expansão constantes do modelo de produção e de consumo levam à exaustão e à destruição dos ecossistemas e do planeta Terra. A crise climática, que a fé cega no capitalismo e a hipocrisia dos que detêm o poder político e econômico e dos seus cúmplices atribuíam à paranóia dos ambientalistas, hoje invade o nosso cotidiano. Com isso, o modelo de desenvolvimento, posto em marcha nos primórdios da revolução industrial, ainda no século XXVIII, mas triunfante na segunda metade do século XX, encontra seus limites intransponíveis. O que fazer? Por onde ir?

A crise de civilização

Iria muito além do nosso propósito tentar definir o que é uma civilização. Mas não precisa ser um estudioso para dizer que boa parte da humanidade perdeu o rumo do seu futuro e que as sociedades humanas estão sendo entregues ao mercado capitalista. É ele que dita os valores dominantes, que se identifica com o progresso, que se auto-proclama solução para o futuro, que concentra em suas mãos o poder, que pretende ao monopólio sobre a vida e a cultura, que define o que são direitos humanos. Se tivesse conquistado cem por cento da humanidade, teria criado uma nova e terrível civilização e não mais falaríamos aqui de crise.

As características da crise do desenvolvimento dominante listadas acima são simultaneamente sintomas e fatores que incidem na crise da civilização na qual está se debatendo a humanidade. Ao subordinar qualquer projeto de futuro ao mercado, colocando estes Estados, ciência e tecnologia, e territórios sob o seu controle, o desenvolvimento capitalista busca de fato reduzir a história humana à corrida pelo consumo e o planeta a uma máquina de produzir e consumir. Eu gostaria de insistir num aspecto dessa crise que eu considero central. Os cientistas que se debruçam sobre o câmbio climático demonstram que estamos perto do ponto de não retorno. Corremos o risco de não ver o clima se estabilizar ao redor de um aumento de 2° centígrados na média da temperatura mundial, o que ainda seria possível com a diminuição drástica de emissão dos gases produtores do efeito-estufa. Migrações em massa de pessoas e mudanças das áreas de produção agrícola nos esperam, acompanhadas de fome e sede, violências e guerras.

Na busca para o enfrentamento da crise climática, dois caminhos, simplificando, se oferecem: o da *artificialização* do mundo e do planeta e o da re-conexão com a Mãe Terra. Ao usar esse neologismo (artificialização), quero dizer que estamos num mundo de objetos e de máquinas, de artefatos criados pela inteligência humana que nos afastam sempre mais da natureza. Falamos aqui de crise de civilização porque estamos numa encruzilhada da humanidade: qualquer que seja o caminho escolhido, é uma outra humanidade que renascerá da crise atual. Os que dominam política e economicamente o mundo apostam na via da artificialização. Os ecossistemas e os oceanos não absorvem suficientemente de CO², o que faz com que este se concentra mais na atmosfera e aumenta o calor? Em resposta, buscam capturá-lo no fundo da terra ou debaixo dos oceanos. Os raios solares vão castigar demais a terra? Serão enviados ao céu escudos

gigantes protetores. Secas prolongadas vão causar grandes perdas às culturas? A genética inventará novas sementes mais resistentes. (Vejam aqui como vai longe a artificialização. O camponês na sua roça observa as espigas de milho, seleciona as mais bonitas, as que responderam melhor às chuvas e à seca, ao solo e ao sol, e as reserva para a próxima sementeira; é no seu laboratório, longe de qualquer campo, que o engenheiro manipula sementes e genes).

Pesquisas recentes mostram a diminuição da fertilidade humana e põem em evidência a relação da infertilidade em particular com o uso de agrotóxicos. Não tem problemas, pois a reprodução assistida, *in vitro*, vai remediar. Mas, já que se pode manipular células e genes, como o mostra a clonagem animal, porque não aproveitar para manipular o embrião? Diz-se que é para eliminar a possibilidade do embrião desenvolver certas doenças inscritas nos seus genes, mas pode se ir além. James Watson, Prêmio Nobel de Medicina em 1962, escreveu: “Alguns devem ter a coragem de intervir sobre a linha germinativa sem estar assegurados dos resultados. E mais – e isso ninguém tem a coragem de dizer – se pudéssemos criar seres humanos melhores graças à adição de genes (proveniente de plantas ou de animais), por que renunciar a isso?”⁵. O tempo passou e se fala hoje tanto de criar robôs inteligentes quanto seres humanos melhorados, prontos para as guerras do futuro, para as grandes mudanças climáticas e para as expedições em outros planetas⁶.

Quando lembramos o domínio do mercado sobre nossas vidas, vislumbramos que essa futura civilização machista e dominadora do super-homem, já incutida nos anseios da juventude por um corpo belo e musculoso, não será para todos. Por sua vez, será possível o conjunto da humanidade se re-conectar com a Mãe Terra (Pacha Mama)?

Re-conexão com a Mãe Terra

O que queremos para o futuro, para os nossos netos e bisnetos? Mais os homens se afastam da natureza e mais cresce a desigualdade, a pobreza, a marginalização de uma porção da humanidade e mais se multiplicam os problemas ambientais e a crise climática. O projeto de uma super-humanidade, visto daqui, da Amazônia, parece nascer do mesmo delírio e da mesma arrogância que movia os colonizadores das Américas. Ainda hoje, as sociedades humanas ocidentalizadas, pelo ferro ou pela mente, ocupam, destroem, amansam, dominam, transformam, mal começando a perceber o dilema da encruzilhada.

“Como pedir ao poder para reformar o poder?”, se exclamava o dominicano Giordano Bruno, condenado pela inquisição. Como pedir aos que impuseram o processo civilizador de mudar de rumo? Camponeses, populações tradicionais, como costumamos qualificar no Brasil as populações rurais/florestais, extrativistas ou semi-extrativistas, e, sobretudo, povos indígenas têm muito a nos dizer sobre isso. A maioria deles não perdeu essa conexão. Somente quem nunca perdeu o seu íntimo laço com a terra pode ajudar a reatar o elo perdido. Não se trata de voltar ao passado. Chegando ao Fórum, escutei de longe um líder indígena afirmar: “não queremos ser o folclore da democracia”. Dizer que os povos indígenas podem nos ajudar a reatar com a Mãe Terra não quer dizer voltar ao passado. Povos indígenas e populações tradicionais, mais do

⁵ Pièces et main d’oeuvre. *Nanotecnologias/maxiservitudes*. Paris: L’Esprit Frappeur, 2006. p. 62.

⁶ Ver Leroy J. P.. *Biopolítica. Entre natureza e cultura, com as nanotecnologias, novos desafios*. III Seminário Internacional Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente (8 de novembro de 2006). A ser publicada pela Rede de Pesquisa em Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente - Renanosoma.

que testemunhas de um passado morto, são anunciadores do futuro. Pensando ao Fórum Social Mundial e a eles, de raízes amazônicas multimilenares e multicentenárias, já afirmamos:

“Eles nos dizem que povos e formas de vida que eram considerados, na ótica do chamado desenvolvimento, como atrasados e meros testemunhas do passado, têm algo a dizer sobre nosso futuro. Eles questionam o sentido desse desenvolvimento, o que é riqueza e o que é pobreza. Por sua grande diversidade, pelas múltiplas formas de manejo dos seus recursos naturais e as maneiras diversas como entendem o seu futuro, pela multiplicidade e a criatividade das alternativas que estão elaborando e experimentando, eles nos dizem que o futuro não está num único desenvolvimento, senão em múltiplas formas de vida e de sociedade”⁷.

No ponto em que chegamos, as duas sessões que antecederam esta, voltadas, uma para Terra-territórios, Comunidades e Identidades e a outra para a Crise do Estado Uninacional vs. Autonomia e Estado plurinacional Comunitário são essenciais para a nossa reflexão, mesmo que ela se limite à crise do desenvolvimento. Gostaria de sublinhar em particular dois pontos. Apesar de leigo, acho que posso dizer (pedindo desculpas por não conseguir reproduzir as falas muito mais justas que escutei de sábias e sábios indígenas) que a identidade coletiva de um povo afirma-se pela sua territorialidade. Mas seu território não é só espaço demarcado, delimitado; antes de tudo, é ecossistema vivo em que cada indivíduo e a comunidade como um todo é parte. É mais do que uma profunda ligação com a natureza. É dizer que são também natureza. Tiro daí a lição que as formas diferenciadas de sociedade e de desenvolvimento às quais eles nos chamam somente são possíveis se, coletiva e pessoalmente, mudamos nossa mente, nossa íntima percepção de ser-no-mundo, nossa espiritualidade.

Quanto ao Estado, o professor Boaventura de Souza neste seminário, lembrava a Constituição boliviana, enriquecedora da democracia, a declará-la “representativa, participativa e comunitária”, como ele mesmo sublinhava. E ele acrescentava que a Constituição boliviana é só o primeiro passo para um Estado plurinacional e que é a plurinacionalidade que permite dar um passo adiante, porque ela obriga o Estado a mudar a sua estrutura. Ao exercer o poder e a democracia de modo diferente dos Estados Nações e da democracia ocidental, povos indígenas e, com eles, muitas comunidades que vivenciam outras formas de relacionamento e de gestão coletiva das suas vidas do que as ditadas pelo poder político e econômico dominantes, reforçam a possibilidade de realização de outra sociedade e de outro desenvolvimento.

A caminho de outro mundo possível: que desenvolvimento?

Vou me contentar em enumerar algumas pistas que decorrem da reflexão feita até agora nestas páginas.

- A reconexão com os territórios e os ecossistemas parecem indicar que não haverá um modelo único de desenvolvimento, mas múltiplas formas das sociedades humanas construirão seu futuro.
- O que é necessário para isso poderia ser produzido o mais próximo possível dos lugares onde é consumido, proposição reforçada pela crise energética que se avoluma. O desenvolvimento é local antes de tudo.

⁷ Fase. *FSM 2009. A Amazônia nos convoca a renovar nosso compromisso para outro mundo possível*. Rio de Janeiro/Belém. Outubro 2008. www.fase.org.br

- Isso não exclui a responsabilidade de países e regiões privilegiados responder a demandas de socorro devido a catástrofes. Mas a economia mundial deve se pautar pela solidariedade e não pelos fluxos das bolsas e do mercado neo-liberal.

- Se a economia não visa ao lucro, mas se dá sob forma solidária, os produtos necessários à vida humana podem ter uma duração estendida no tempo, evitando a obsolescência e a pilhagem dos recursos naturais. Trata-se de produzir de outra maneira.

- Voltar a nos conectar à natureza não quer dizer rejeitar novas tecnologias. O nosso futuro depende também do uso de tecnologias, mas elaboradas sob controle social, reconhecendo os saberes da sociedade, e caracterizadas por sua economia em recursos naturais.

Desafios

As interrogações são muitas. Permitam-me mencionar somente duas questões.

1/ O mundo hoje é principalmente urbano. Nestas páginas, nos referimos a povos das florestas, das montanhas, das savanas... para quem o contato com a natureza é cotidiano. Todos entenderam que não preguei para os urbanos a volta ao campo, como se fosse possível imaginar uma volta idílica a uma natureza intocada. Somente a questão urbana nos convida a ver uma profunda mudança do desenvolvimento, passo em direção a outra civilização, como um horizonte, uma utopia. Essa utopia não é vazia de sentido e de densidade, como vimos. No entanto, as necessidades de sobrevivência imediata das massas urbanas exigem que se fale de transição, de caminho a percorrer.

2/ Se a crise é de civilização, como criar um movimento profundo e coletivo de reforma dos estilos de vida? Mudanças individuais ou de pequenos grupos, embora possam servir de referência e mesmo iniciar movimentos duradouros, não são suficientes para desencadear mudanças tão profundas quanto as que a crise atual exige e forçar a criação de novas formas de poder. Como é arriscado esperar por um novo Gandhi ou São Francisco, talvez o futuro possa surgir da convergência de múltiplos movimentos e povos. Os povos indígenas aqui presentes estão tomando a frente e nos convidam a navegar com ele. Estamos no mesmo barco.